



---

## A CRIATIVIDADE COMO ESTRATÉGIA E INTERVENÇÃO PARA A INCLUSÃO ESCOLAR NA APLICAÇÃO DOS CONTEÚDOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Andressa Katerine Cunha Chagas<sup>1</sup>

andressa\_ballet@gmail.com

Yan Inácio da Silva<sup>1,2</sup>

yan\_inacio@yahoo.com.br

Marta Cardoso Guedes<sup>1</sup>

martacardosguedes@gmail.com

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio de Janeiro

<sup>2</sup>Universidade Salgado de Oliveira

---

**Resumo:** Este artigo é resultado de uma análise sobre os documentos Parâmetros Curriculares Nacionais, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9394/1996) e a Lei antibullying 13.185/2015, no que tange a inclusão, e a revisão do tema criatividade a partir dos autores Vygotsky (2012), Alencar (2003 e 2007) e Freire (2008); com o objetivo de pensar a inclusão dos estudantes nas aulas de Educação Física por meio de estratégias criativas na aplicação dos conteúdos. Nossas análises pontuam o conceito de inclusão para além das deficiências, quando qualquer indivíduo é inserido de maneira harmônica em coletividade, e evidenciam a urgência da elaboração de aulas de Educação Física Escolar com conteúdo e estratégias diversificadas que possibilitem um ambiente favorável para o fomento da imaginação. Buscamos assim explicitar a criatividade como fator indispensável à vida humana que constrói, analisa, compreende e modifica os espaços e as possibilidades de aulas possibilitando um processo educacional significativo.

**Palavras chave:** Educação Física Escolar; Criatividade; Estratégias inclusivas; Aplicação dos conteúdos.

\*\*\*

**Abstract:** This article is a result of an analysis about the documents - National Curricular Parameters, the Law of Guidelines and Bases of Education (Law 9394/1996) and the law anti-bullying 13.185/2015, regarding social inclusion, and the revision of the theme Creativity from the authors Vygotsky (2012), Alencar (2003/2007) and Freire (2008); with the aim of thinking about the inclusion of the students in Physical Education classes through creative strategy in the application of the contents. Our analyzes punctuate the concept of inclusion beyond the deficiencies, when any individual is inserted in a harmonic manner in collectivity, and evidences the urgency of elaboration of Physical Education classes in School with diverse contents and strategies that enables an ambience that is favorable for the development of imagination. We thus seek to make explicit the creativity as an indispensable factor for the human life that constructs, analyzes, comprehends and modifies the space and the possibilities of classes, enabling a significative educational process.

**Keywords:** Physical Education in School; Creativity; Inclusive Strategies; Application of contents.

\*\*\*

## INTRODUÇÃO

A Educação Física vista somente como prática de atividade física, em vez de uma disciplina que possui saberes conceituais, além dos saberes corporais, era uma concepção disseminada até bem pouco tempo atrás. A sociedade brasileira ainda possui o pensamento de que a Educação Física Escolar está ligada fortemente ao esporte, tendo este uma relevância social significativa no contexto de formação de crianças e jovens. A disciplina trazia consigo, até meados do século XX, um engessamento da seleção dos conteúdos, apropriando-se dos esportes para moldar seus alunos, principalmente dos quatro esportes que se perpetuam na Educação Física Escolar: vôlei, basquete, handebol e futebol (BETTI,1999).

Compreende-se que discutir os conteúdos do currículo da Educação Física é fundamental para a construção dos saberes. O esporte, por exemplo, é um dos conteúdos da disciplina Educação Física, porém não é um conteúdo capaz de se transformar em uma metodologia que promova a inclusão dos alunos. Antigamente, essa metodologia esportivista era utilizada devido a fatores políticos/históricos que tiveram influência direta nos objetos de ensino explorados pela Educação Física (MARTINS,2002). Porém, quando se pensa em inclusão e abrir espaços para a diversidade e possibilidade de criar diferentes experiências, essa metodologia não se encaixa, pois não atende a essa demanda.

A Educação Física abrange uma grande gama de conteúdo. Cada estudante carrega em si uma diversidade cultural e social, seja uma dança, um jogo ou uma brincadeira que realiza em sua comunidade. Valorizar e ressignificar tais práticas corporais aproxima o estudante da Escola, e por isso, esses conteúdos também devem adentrar no currículo da Educação Física (MOREIRA,2003).

Ainda assim, entendemos que a maneira como esses conteúdos, que foram escolhidos para ingressar no currículo são aplicados nas aulas de Educação Física é tão importante quanto a seleção dos conteúdos, uma vez que a metodologia é capaz de incluir ou excluir alunos durante a prática da Educação Física Escolar. É possível utilizar-se da criatividade para fazer a comunicação entre a realidade dos alunos e o conteúdo da Educação Física possibilitando tanto o desenvolvimento do potencial criativo quanto o desenvolvimento do ser humano. A criatividade é um potencial humano e



anda junto à realidade, pois corroboramos com Vygotsky (2012) que diz: “a atividade criativa é realização humana, geradora do novo, quer se trate dos reflexos de algum objeto do mundo exterior ou de determinadas elaborações do cérebro e do sentir que vivem e se manifestam apenas no próprio ser humano” (p. 13). Sendo assim, o professor antes de aplicar os conteúdos precisa observar seus estudantes atentamente no ambiente escolar, permitindo que eles dividam suas experiências e abram espaços para variedade de saberes, vivências, e seus diferentes conhecimentos científicos, sociais, econômicos e culturais.

É notória a necessidade de que a escola, o professor e o estudante falem a mesma linguagem, enriquecendo mais os seus horizontes, conhecendo, ao menos de forma introdutória, as diversas histórias, músicas, expressões, jogos e brincadeiras, não só de conhecimento dos alunos, mas também de regiões e comunidades vizinhas (DAOLIO,1995). Desse modo, a forma de aplicar os conteúdos deve ser avaliada pelos professores, de maneira que se mantenha atual e prazerosa para quem as pratica.

Em consonância com Vygotsky (2012) “a imaginação, fundamento da atividade criativa, revela-se de modo claro em todos os aspectos da vida cultural. Ela é a abertura à criação artística, científica e técnica. A cultura, a técnica e a ciência são produtos da imaginação e da criatividade” (p.13). Diante disso, sabendo que tanto a escolha dos conteúdos quanto a sua aplicação são fatores importantes para o processo de ensino-aprendizagem, será que os professores estão dispostos a desenvolver conteúdos diferentes que desafiem e instiguem os estudantes? Será que os professores têm oferecido uma prática que tenha relevância social a ponto de que o estudante se conecte emocionalmente com a escola de maneira que ele se sinta pertencente/incluído? Será que as escolas têm se preocupado em oferecer materiais didáticos e diferentes espaços para desenvolver práticas educativas diversificadas? De que maneira o corpo docente pode sair da zona de conforto e oferecer um ensino que promova a inclusão escolar durante as aulas de maneira prazerosa e criativa?

Dessa forma, este trabalho buscou investigar a possibilidade de se gerar uma prática educativa de forma criativa nas aulas de Educação Física Escolar, revendo leituras de documentos importantes, como os temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9394/1996), reafirmando a importância de se buscar a prática inclusiva nas aulas de



Educação Física. Para tal nos apropriamos dos seguintes autores e pesquisadores: Vygotsky (2012) e Alencar (2003 e 2007), com a finalidade de pensar na Criatividade como fomento ao saber inclusivo visando a uma aprendizagem significativa de todos os estudantes. Sobre o tema da Inclusão Escolar, além do PCN, utilizamos leis constitucionais, como: a Lei 11.645/2008 e a Lei 13.185/2015 – que definem a inclusão e garantem o estudo de conteúdos e medidas preventivas e reflexivas no combate ao *bullying* e a qualquer ato discriminatório em geral. No âmbito da Criatividade, nos aprofundamos nesse conceito por intermédio de Vygotsky (2012) em “Imaginação e Criatividade na Infância”.

## INCLUSÃO

O dicionário Aurélio define a palavra “incluir” como 1. Compreender, abranger. 2. Conter em si. 3. Inserir, introduzir. Diante disto é importante evidenciar que entendemos o conceito de inclusão para além das deficiências; acreditamos que as diferenças permeiam a escola e muitas vezes são taxadas de forma pejorativa ou ignoradas durante o processo educacional sendo necessário com isto o trabalho de fazer com que o diferente, que pertence a algo ou alguém, seja compreendido e introduzido no ambiente das aulas e da escola.

Segundo Mattos (2008) a condição de inclusão dá-se quando qualquer criança seja inserida de maneira harmônica em coletividade. Seja no âmbito social ou educacional. Incluir vai além das dissemelhanças que transparecem e todos enxergam, requer perceber a criança integralmente, ter um olhar transversal que dialogue com as culturas, nunca deixando de valorizar a singularidade, considerando a bagagem que cada uma leva à escola, incluindo seus medos, credos e valores. Quando se fala em inclusão nas aulas de Educação Física, muitas pessoas associam-na diretamente à adaptação e a pessoas com deficiência. É isso também; porém a inclusão é processual e constante, não se adapta apenas quando se tem alunos com deficiências. Toda e qualquer aula, independente de quem esteja no processo de aprendizagem, carece de adaptação. Se por acaso, o professor ensina o conteúdo esporte e trabalha com o basquete e percebe que a turma apresenta dificuldades em acertar o aro, é possível que adaptações devam ser feitas, como por exemplo, dizer que se a bola tocar a tabela



será computado um ponto para equipe que assim o fizer, e todas as vezes que atravessar o aro o ponto será computado normalmente. Assim, encontramos uma adaptação às regras desse esporte para melhor participação da turma.

De acordo com Gotti (1996) a inclusão no ambiente escolar não objetiva apenas inserir os estudantes com deficiências, transtornos ou superdotação mas também introduzir os alunos ditos como “normais”, que por motivos sociais, culturais e econômicos não estão na escola. É essencial a constante busca de participação efetiva dos estudantes, pois é necessário que cada estudante esteja envolvido com as aulas, já que incluir não é estar, é participar e sentir-se participando com toda turma.

A inclusão visa então garantir o direito dos estudantes à educação, independente das diferenças, das deficiências, transtornos ou alguma outra coisa, pois qualquer cidadão deste país é igual em direitos, sem distinção de qualquer natureza de acordo com a Constituição Federal (1988) no artigo 5. O artigo 205 diz que “a educação é garantia, direito de todos e dever do Estado e da família, deve ser promovida e obter colaboração da sociedade com o objetivo de desenvolvimento do indivíduo, preparação para a cidadania e qualificação profissional”.

O ambiente escolar é o lugar onde todas as diferenças culturais se encontram e necessitam ser abordadas pelos educadores, tanto para conhecimento dos diferentes costumes, crenças e etnias que o país possui, como para a prevenção de atos discriminatórios. Além disso, a prática pedagógica que valoriza as diferenças contribui para que os estudantes compreendam e respeitem os diversos comportamentos de cada grupo social (BRASIL,1997).

Atualmente, encontramos atos discriminatórios e excludentes em todos os lugares, inclusive na escola. A instituição escolar, ao se preocupar com essa verdade, deve buscar soluções para transformar esse quadro. Sendo assim, o primeiro lugar onde os professores podem agir é em sala de aula, e essa intervenção pode começar desde a seleção dos conteúdos de acordo com o projeto político-pedagógico.

Através dos Parâmetros Curriculares Nacionais — PCN — que são diretrizes para os Ensinos Fundamental e Médio de todo o país, podemos aplicar conteúdos “criativos” e diferenciados na aula de Educação Física, pois ele assegura que todas as crianças e jovens brasileiros, indiferente de nível social, religião e raça, possam ter o direito de desfrutar os conhecimentos reconhecidos como essenciais para o



desenvolvimento da cidadania. Assim o PCN oferece caminhos possíveis para o educador usá-lo como modelo, pressupondo-se, pois, que tais modelos sofrerão ajustes para se encaixarem à realidade da comunidade onde a escola está localizada. O PCN aborda os temas transversais que são documentos que apresentam ideias e valores fundamentais à democracia e à cidadania e satisfazem as demandas importantes e urgentes que os jovens irão enfrentar na sociedade atualmente (BRASIL, 1997).

Um dos temas transversais do PCN e que pode dialogar com a escolha de conteúdos “criativos” e diversificados é o tema Pluralidade Cultural. Ele refere-se às diferenças culturais presentes em nossa sociedade, aceitando que existem especificidades entre cada um de nós, diferenças essas que refletem no ambiente escolar, e por conta disso torna-se de total importância este tema ser abordado na sala de aula, a fim de que seja possível evitar qualquer manifestação de preconceito por classe social, raça, gênero e religião, ou seja, um tema capaz de instigar o aluno a pensar inclusivamente.

Na intenção de garantir e promover a inclusão a partir da escolha dos conteúdos, em 2003 a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96 é alterada pela Lei nº 10.639, que passa a tornar obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira em todas as etapas da Educação Básica. Além disso, o artigo 79-B desta mesma Lei, inclui o dia 20 de novembro como o “Dia Nacional da Consciência Negra”. Por outro lado, a Lei nº 11.645 foi sancionada em março de 2008, incluindo a obrigatoriedade da história e da cultura indígena também. Entretanto, esta Lei não é uma garantia de que o conteúdo realmente será dado pelo professor, e que este terá os meios necessários para proporcionar aos seus alunos o conjunto de conhecimento sobre a história e cultura desses povos, seja pela falta de materiais didáticos ou pela falta de qualificação pedagógica (BRASIL,1997).

Embora possa haver, por grande parte dos professores, uma dificuldade em trabalhar com os conteúdos da Lei 11.645/2008, ela nos traz a oportunidade de enfrentar as discriminações e preconceitos inseridos na sociedade e que passeiam pelos corredores da escola. Para isso é preciso metodologias criativas e lúdicas para aprender de forma prazerosa e um ambiente leve visto que o espaço escolar e a



sociedade não são distintos e não vivem à parte, mas são diretamente ligados, de maneira que o que acontece com um reflete no outro (BRASIL,2008).

Pensando ainda na promoção de inclusão nas escolas e em outros espaços educativos foi criada a Lei antibullying - Lei nº 13. 185, de 6 de novembro de 2015 – que também foi sancionada na Lei nº 13.663, de 14 de maio de 2018, que altera o artigo 12 da Lei nº 9.394 de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional). Esta lei foi publicada no dia 15/5/2018, no Diário Oficial. A atualização inclui a responsabilidade das escolas na promoção de medidas de combate ao *bullying*, além de incluir a obrigatoriedade da implementação de ações para a promoção da cultura de paz. Ou seja, essas leis recomendam que as instituições de ensino possam incluir em seu projeto político-pedagógico medidas de prevenção que conscientizem os alunos a combater e não praticar o *bullying* nas escolas. Essas medidas preventivas e reflexivas podem ser oriundas de práticas criativas e conscientizadoras, pois ao mesmo tempo que se alimenta o saber criativo, alimenta-se a capacidade de aceitação do diferente (BRASIL, 2015).

Portanto, estudar esses saberes que o PCN e a Lei 11.645/2008 defendem para gerar a inclusão de alunos e combater a discriminação dos mesmos, potencializando a criatividade para fazer essa ponte, pode trazer transformações significativas à realidade deles e, possivelmente, à realidade da sociedade como um todo. Pois, “é precisamente a atividade criadora do homem que desperta a sua essência que está orientada para o futuro, tornando-o criativo e modificando o seu presente” (VYGOTSKY,2012. p. 24).

## **CRIATIVIDADE**

A criatividade é inerente ao ser humano, cria-se a todo momento e em diversas ocasiões. Há relatos que a criatividade evidencia-se nos feitos e ações que denotam algum tipo de novidade ou resoluções de problemas. Porém, qualquer feito supostamente “não criativo” envolve sempre ações criativas durante o seu processo. “Existe criatividade não só quando se criam grandiosas obras históricas, mas sempre



que o homem imagina, combina, altera e cria algo novo, mesmo que possa parecer insignificante quando comparado com realizações dos gênios” (VYGOTSKY, 2012, p.26).

Toda experiência acumulada é uma alavanca para ação criativa. A primeira lei da imaginação encontrada no livro de Vygotsky (2012) discorre que a atividade de criação da imaginação tem relação direta com a experiência acumulada pelo ser, pois a experiência é o fator necessário para a construção da fantasia, da ação criadora. Quanto mais diversificada for a experiência adquirida, melhor e mais rica será a matéria prima à imaginação. A acumulação de uma ampla experiência é que possibilitará o indivíduo a construir, a imaginar e a fantasiar de forma abundante.

A segunda lei diz sobre a percepção dos dados obtidos em determinado acontecimento que em consonância com a atividade criativa da imaginação reproduz o que foi feito anteriormente, mas cria, a partir das experiências, novas combinações, o que a torna subordinada à primeira lei. A construção de imagens do que não foi visto se dá através de combinações da experiência com a ação criadora. Diante disso há uma afirmação “se eu não tivesse ideia da carência e da falta de água nos grandes espaços e dos animais que habitam no deserto, não conseguiria criar uma imagem sobre o deserto” (p. 34).

Na terceira lei o processo imaginativo é resultante das emoções. Sendo assim todo sentimento e emoção revelam-se em imagens que lhe correspondem. É como se as emoções pudessem escolher as impressões e imagens de acordo com o humor e estado que domina o preciso momento.

Isto significa que toda a construção da fantasia, inversamente, influencia os nossos sentimentos e, no caso de esta construção, por si só, não corresponder à realidade, todos os sentimentos por ela desencadeados são reais, vividos verdadeiramente e integrados pelo homem que os sente. Imaginemos uma situação simples de ilusão. Ao entrar às escuras no quarto, a criança, por ilusão, toma o vestido pendurado por uma pessoa estranha ou um ladrão que entrou em sua casa. A imagem do ladrão criada pela fantasia da criança não é real, mas o medo que a criança sente, o seu susto, são de facto impressões reais para a criança (VYGOTSKY, 2012, p. 39).

A quarta e última lei está de alguma forma ligada à terceira, porém há uma ampla diferença entre as duas. Podemos dizer que a quarta lei reside no uso da





fantasia para construção de algo totalmente inédito, algo que não tenha relação alguma com a realidade; sendo assim ao encarar este mundo exterior, ganhando forma e sendo palpável a sua existência, essa imaginação passa a atuar e gerar influência sobre o ser e os objetos.

Exemplo desta imaginação «cristalizada» ou encarnada pode ser um qualquer dispositivo técnico, máquina ou ferramenta. Resultado da imaginação combinatória do homem, estes novos objetos não correspondem a nenhum exemplo existente na natureza, mas surgem da ação mais convincente e da ligação prática com a realidade, uma vez que, corporizadas, tornaram-se tão reais como as outras coisas e exercem a sua ação no mundo exterior (VYGOTSKY, 2012, p. 40-41).

A criatividade não é apenas o resultado final, ela é também um processo, e a construção é muito mais relevante pois envolve levantar questões que problematizam, ensinam a lidar com o insucesso, o erro, a solução de problemas ou o levantamento de mais questões que não chegam a um resultado exato. É como afirma Vygotsky (2012) “no dia a dia a criatividade constitui-se como condição necessária para a existência e tudo o que ultrapassa os limites da rotina, mesmo uma pequeníssima quantidade de novidades, é devida ao processo criativo humano” (p. 26).

Se imaginarmos uma criança que não consegue alcançar um objeto sobre a cômoda, e que por muito tempo ela faz tentativas pulando e ficando sobre a ponta dos pés, só que em determinado momento ela decide pegar um banco para subir e alcançar o que deseja e assim cumpre seu objetivo. Em uma análise crua diremos que foi algo comum; no entanto o caminho percorrido denota uma ação criadora, que envolve a experimentação das possibilidades como pular e ficar sobre a ponta dos pés que para àquela altura não alcançou êxito e assim foi necessário um banco. Mas não se pode ignorar que todas as ações escolhidas fizeram parte de ações criativas mesmo que só uma teve o sucesso pretendido.

A criatividade é libertadora e traz consigo novas possibilidades de se conectar, adaptar-se e se readaptar de maneiras diferentes com o ambiente e com o outro emocionalmente. Criar é existir, não está ligado apenas com o pensar nem é apenas sobre se emocionar, porém tem origem no âmago do ser, onde as emoções penetram o pensar no mesmo momento que o intelecto organiza e estrutura as emoções. A ação



de criar faz o mundo emocional ser compreendido, ganhar forma e se tornar nítido (OSTROWER, 1977).

O ser humano cria não só com o desejo de ser compreendido mas também com o objetivo de compreender o outro ou o mundo em que está inserido. A ação criadora estimulada pela própria experiência, ou de outros, possibilita que as necessidades e emoções sejam perceptíveis e entendidas de formas variadas. Mas a criatividade é sempre proclamada e valorizada diante de grandes feitos, fica muito mais evidente quando se fala em criatividade suprindo ou identificando necessidades se falarmos em Thomas Edison, Joseph Wilson e Hiram Maxim que foram os inventores das lâmpadas incandescentes, pois a ação criativa deles fez com que o resultado final fosse marcante, as lâmpadas onde se colocavam combustíveis e fogo não seriam mais uma necessidade, pois foram supridas pela lâmpada que funciona com eletricidade, porém não fica evidente a todas as pessoas que o desenho de uma criança com formas pouco reconhecíveis ou até mesmo sem significado para um adulto diz muito sobre ela e sua experiência, ainda que curta. O que queremos salientar aqui é que as duas ações são amplamente criativas e que estão carregadas de significados. Ambos os processos são importantes. Há uma fala de Thomas Edison que diz “Eu não falhei, encontrei dez mil soluções que não davam certo” e isso está diretamente ligado à valorização do processo criativo. Às vezes criar não gera resultados precisos, mas sempre leva à aprendizagem. O processo de criação é tão importante quanto o resultado final.

A imaginação é, pela sua composição, um processo muito complexo. E é exatamente essa complexidade que se constitui com maior dificuldade no estudo de processo criativo e frequentemente conduz a ideias errôneas sobre a própria natureza de processo e o seu caráter, como algo invulgar e absolutamente extraordinário (VYGOTSKY, 2012, p. 47).

Assim sendo, é impossível dar a dimensão do tamanho de criatividade que podemos encontrar nas ações dos alunos no decorrer da aula. Se é impossível medir, quanto mais comparar as ações de um aluno com outro. Já falamos aqui, que nem sempre um processo criativo alcança o objetivo final esperado, mas ressaltamos que o processo de criação é tão importante quanto o resultado final. Por isso, o professor deve sempre elogiar e encorajar o estudante em meio à dificuldade do processo e



valorizar muito mais o processo e o esforço do mesmo do que o resultado no momento da avaliação.

## **CRIATIVIDADE E INCLUSÃO NA APLICAÇÃO DOS CONTEÚDOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA**

A Educação Física carrega em si um conjunto de saberes imensuráveis. Sua prática tem a capacidade de enriquecer a realidade e possibilidades de conhecimento da criança de forma lúdica e prazerosa. Através de jogos, brincadeiras, danças, lutas, ginásticas, pantomimas, debates, rodas de conversas e quaisquer atividades educativas propiciamos diferentes experimentações. Por meio da experimentação podemos imergir na realidade da criança, conhecer e, possivelmente, ajudá-las a desenvolver a capacidade de transformar essa realidade. Logo, devemos em nossa prática garantir que a criança possa ter diferentes possibilidades de experimentações dentro dos conteúdos e metodologias escolhidos, pois como afirma Vygotsky (2012):

Se queremos criar bases suficientemente sólidas para a sua atividade criativa, devemos considerar a necessidade de alargamento da experiência da criança. Quanto mais a criança viu, ouviu e experimentou, mais sabe e assimila. Quanto mais elementos da realidade a criança tiver à disposição na sua experiência mais importante e produtiva, em circunstâncias semelhantes, maior será a sua atividade imaginativa (p.33).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's (1997) os conteúdos da Educação Física estão divididos em três blocos; o primeiro é composto por esportes, jogos, lutas e ginásticas; o segundo, pelas atividades rítmicas e expressivas e o último, que perpassa por todos os conteúdos, é o conhecimento sobre o corpo. A Base Nacional Curricular Comum – BNCC, entregue ao ministério da Educação no dia 6 de abril de 2017, contempla alguns desses mesmos conteúdos trazendo também como proposta às práticas corporais de aventura, que trata da experimentação do corpo em ambientes que desafiam o praticante, em espaços urbanos ou na natureza, tem o foco nos cuidados com a integridade física e o respeito ao patrimônio público e natural. Nesse conteúdo o aluno deve propor alternativas na



busca de explorar os espaços dentro e fora do ambiente escolar. Não há uma ideia inflexível sobre a aplicação desses conteúdos, pelo contrário, todos eles têm o objetivo de nortear as práticas de ensino com o objetivo de serem significativas.

A garantia à experimentação de um vasto conteúdo possibilitará aos educandos a construção de bases sólidas e de uma ampla bagagem, podendo-se dizer aqui que a diversificação do conteúdo é o que proporcionará que a experiência acumulada ao longo da vida escolar desenvolva uma imaginação fértil para a criatividade.

No entanto, como falamos anteriormente, a Educação Física esteve por anos presa a um modelo esportivista-higienista de ensino, fazendo com que os alunos se acomodassem a uma práxis pedagógica pouco diversificada e apenas presa ao esporte propriamente dito. Diversificar e buscar colaboração mútua dos alunos de forma criativa na aplicação dos conteúdos, incluindo aqueles que não se sentem aptos ou foram excluídos por décadas devido às experiências anteriores em aula, não é um caminho fácil a ser percorrido, porque Vygotsky (2012) afirma que “criar é difícil e o impulso para criar nem sempre coincide com a capacidade para criar, daí surge o sentimento de tortura e sofrimento” (p. 69).

É preciso apresentar novas possibilidades de aprender a aprender a Educação Física. O caminho achado aqui, e que não fecha saídas específicas, é o de desenvolver as possibilidades de cada aluno nos conteúdos aplicados em aula. Porque quanto mais esse aluno vivencia, mais ele acumula experiência e esta não tem como objetivo final ser conservada apenas, mas sempre que necessário ser revista e combinada, produzida e reproduzida de formas variadas.

O cérebro não é apenas um órgão que se limita a conservar e reproduzir a nossa experiência passada, ele é igualmente um órgão combinatório, que modifica criativamente e cria, partindo dos elementos da experiência passada, novas situações e novos comportamentos (VYGOTSKY, 2012, p. 23-24).

Entretanto, a capacidade que o indivíduo tem de criar não é potencializada somente pelas vivências e experiências, mas também pelo ambiente em que se está inserido. O professor não deve apenas se preocupar com uma avaliação diagnóstica do que o aluno já experimentou para oferecer apenas novos experimentos que ele ainda desconhece. O professor deve principalmente transformar o ambiente, ou seja, a sua



sala de aula deve se tornar um local que seja capaz de instigar o estudante a criar e a testar novas experiências, oferecendo-lhe oportunidades de expressão criativa. Alencar (2007) diz que:

Temos constatado também que muitos professores desconhecem que a criatividade é uma característica que difere de indivíduo para indivíduo apenas em grau, que todo ser humano é naturalmente criativo e que a extensão em que a criatividade floresce depende largamente do ambiente. Ignoram que, mesmo que a pessoa tenha todos os recursos internos necessários para pensar criativamente, sem algum apoio do ambiente dificilmente o potencial para criar que a pessoa traz dentro de si, se expressará. Desconhecem ainda que a capacidade de criar pode ser expandida a partir do fortalecimento de atitudes, comportamentos, valores, crenças e outros atributos pessoais que predis põem o indivíduo a pensar de uma maneira independente, flexível e imaginativa. Ademais, que a criatividade não é algo que acontece por acaso, podendo ser deliberadamente empregada, gerenciada, desenvolvida, cabendo à escola maximizar as oportunidades de expressão da criatividade nos processos de ensino e aprendizagem (p. 49).

Dessa forma, o professor é um mediador que deve suscitar os estudantes promovendo debates, atividades e intervenções capazes de despertar seus interesses, levando em consideração suas singularidades, fazendo a comunicação com o contexto social, seus acontecimentos e transformações que ocorrem o tempo todo, e assim, transformam a vida desses estudantes diariamente. Quanto mais o professor conseguir despertar o interesse pessoal de seus estudantes e quanto mais condições ambientais eles tiverem, mais serão capazes de pensar criativamente.

A fim de se obter uma visão mais ampla do fenômeno criatividade, devemos levar em consideração a interação entre características individuais e ambientais, as rápidas transformações na sociedade, que estabelecem novos paradigmas e demandam soluções mais adequadas aos desafios que surgem, e o impacto do produto criativo na sociedade. Lembramos que, para se estimular a expressão criativa na escola, no trabalho ou em outro contexto, é necessário preparar o indivíduo para pensar e agir de forma criativa, bem como planejar intervenções nesses contextos a fim de estabelecer condições favoráveis ao desenvolvimento da criatividade (ALENCAR, 2003 p.7).



Já sabemos que a capacidade criativa é uma capacidade humana e por isso, faz parte do desenvolvimento humano. O jogo do faz de conta por exemplo é um dos jogos mais utilizados pela criança, que expressa nitidamente a mistura da sua realidade com o brincar. Todos nós sabemos a importância desse jogo de imitação da realidade que a criança desempenha na atividade lúdica. Por isso, fomentar esses jogos alimentando-se da criatividade da criança é de extrema importância para conhecer a realidade dela e assim, transformá-la.

O jogo da criança serve com frequência apenas como reflexo daquilo que ela viu e ouviu dos mais velhos; no entanto, estes elementos da sua experiência anterior nunca se reproduzem no jogo do mesmo modo como na realidade se apresentaram. O jogo da criança não é uma simples recordação do que viveu, é antes uma reelaboração criativa das impressões já vividas, uma adaptação e construção, a partir das impressões, de uma nova realidade- resposta às suas exigências e necessidades afetivas (VYGOTSKY, 2012, p. 27).

Até aqui entende-se que o professor, ao preparar uma aula que promova a criatividade de seus alunos, deve saber diagnosticamente as experiências já vividas de seus estudantes, seus interesses de acordo com a sua realidade social, deve promover a partir dessas informações novas experiências através do brincar e buscar transformar a sua sala de aula em um ambiente que inspire o estudante a criar. Pois é mais fácil mudar o ambiente do aluno forçando-o a se adaptar do que convencê-lo a ser criativo. Desde os primórdios, o ser humano sempre foi capaz de se adaptar a desastres do seu ambiente para sobreviver. Essas adaptações são processos de criatividade. Quando o professor muda o ambiente do estudante, inserindo uma situação problema, tirando-o totalmente do seu lugar de conforto, ele desperta no seu aluno o desejo de se adaptar àquilo para retornar a um ambiente favorável a ele. Pois é isso que a vida faz conosco. O mundo está em constante processo de transformação. A sociedade tende a se adaptar a essas mudanças, e são nessas reações de adaptação que surge a ação criadora.

Se a vida que o rodeia não lhe desse trabalhos, se as suas reações habituais e herdadas o mantivessem em equilíbrio com



o mundo à sua volta, então não existiria qualquer fundamento para o surgimento da ação criadora. Um ser totalmente adaptado ao mundo que o rodeia nada poderia desejar, não buscaria outra coisa e certamente não poderia criar. Por isso, na base da ação criadora está sempre subjacente a inadaptação a partir da qual surgem necessidades, aspirações e desejos. A presença de necessidades e aspirações põe deste modo em movimento o processo imaginativo e faz renascer os traços das excitações nervosas que fornecem um material que possibilita o seu funcionamento (VYGOTSKY, 2012, p.53).

Em contrapartida, seria muito injusto para o estudante se o professor mudasse o seu ambiente, a ponto de “obrigá-lo” a criar para se adaptar sem oferecer subsídios suficientes para que ele seja capaz de criar sua adaptação/resposta a essas modificações. Seria como se o professor jogasse o estudante de um edifício sem lhe dar nenhuma informação ou material necessário para se pensar numa saída. Antes de mudar o ambiente desse estudante, ele deve ter as informações e materiais necessários para estar preparado e ser capaz de pensar em diferentes soluções para essas modificações ambientais. Pois, antes da luz elétrica surgir, existia a luz a vapor, e antes da luz a vapor, existiam as lamparinas, os lampiões e as velas. Ou seja, para que avançássemos na criação da luz elétrica, foi necessária uma gama de saberes e informações anteriormente descobertos por outros. Seria certamente impossível inventar a luz elétrica só com a informação inicial de que o fogo é capaz de iluminar.

Assim, corroboramos com Vygotsky (2012) quando afirma:

Nenhuma invenção ou descoberta científica surge antes de se criarem as condições materiais e psicológicas necessárias para o seu surgimento. A criatividade representa um processo histórico contínuo, em que toda a forma subsequente é definida pela anterior (p. 55).

Deste modo, é necessário que o estudante tenha domínio sobre o assunto a que está sendo desafiado, recebendo diferentes informações de diversas fontes para que possa ser capaz de se inserir nesse processo socialmente criativo. Concordamos, pois, com Alencar (2003) quando afirma que:

Uma resposta criativa tem mais probabilidade de ocorrer quando o indivíduo tem amplo acesso à informação relativa a



um domínio (por meio de livros, revistas, internet, relatórios, vídeos e etc.) e quando as informações pertinentes ao domínio são conectadas entre si, são claras, relevantes, aprofundadas, despertam o interesse do indivíduo e impulsionam o seu engajamento na área (p. 5).

Vygotsky (2012) diz ainda que “a capacidade de elaboração e de construção a partir de elementos, de combinar os elementos velhos em novas combinações, constitui o fundamento do processo criativo” (p. 28). Essa construção a partir de elementos de combinar, lembra-nos de que em muitas vezes algumas combinações feitas podem não dar muito certo. O professor deve em sua aula saber lidar com o fracasso de suas experiências e das experiências criadas e desenvolvidas pelos seus alunos. Muitas vezes todo aquele processo criativo pode não ter chegado a um resultado esperado, mas as descobertas e experiências que surgiram durante o processo podem ajudar a mesma pessoa, ou uma outra pessoa a iniciar um novo processo criativo ou recomeçar de maneira diferente esse mesmo processo. Essa construção do processo criativo é de caráter social, ou seja, o professor pode e deve elaborar desafios em grupo, apossando-se da capacidade de construção em equipe, pois como “em toda a invenção existe sempre uma colaboração de trabalho anônimo” (RIBOT, 1916 apud Vygotsky, 2012, p.56).

Durante o processo de ensino e aprendizagem, é natural que surjam obstáculos, e que em seguida venha o fracasso. Mas o fracasso é um estado. Um momento. E como todo momento, ele passa. Como professores, devemos encorajar nossos alunos, inserindo palavras de ânimo e de força, afirmando que ele não pode desistir. Devemos ser capazes de tentar injetar aquele mínimo de determinação no estudante, pois às vezes, é apenas isso que ele precisa para enfrentar esses obstáculos e alcançar as metas, como aponta Sternberg (1988) apud Alencar (2003) “a questão não é se a pessoa irá ou não encontrar obstáculos, mas antes como irá lidar com os mesmos e o grau de determinação em não se deixar abater diante das adversidades que possivelmente terá que enfrentar para alcançar as suas metas” (p.3).

Uma das grandes dificuldades do professor é a capacidade de abordar diferentes conteúdos da Educação Física, limitando-se apenas às mesmas brincadeiras e jogos, ou abordando somente os esportes popularmente mais comuns (futebol, basquete, handebol e voleibol) por sentir que não dominam bem outros conteúdos.





Fazendo isso, os alunos que sentem muita dificuldade em participar dessas práticas corporais, talvez por falta de certa desenvoltura, perdem o interesse na disciplina e preferem se isolar, não vivenciando as atividades que o professor sugeriu. Muitos que sentem essa dificuldade se sentem excluídos pelos próprios colegas de classe que conseguem desenvolver um melhor desempenho, sejam através de brincadeiras, apelidos, indiretas, troca de olhares e até mesmo, no momento da escolha de equipes.

A divisão de equipes é uma das situações mais tensas para alguns alunos que têm dificuldades de jogar um esporte ou jogo coletivo. Neste momento os estudantes que geralmente escolhem seus times são os que mais têm facilidade, e por isso, desejam escolher seus próprios times. Em seguida, acontece uma seleção que geralmente se caracteriza em uma escala decrescente dos que têm mais talento aos que têm menos talento, ou seja, os que têm mais facilidade são escolhidos primeiro, sendo o último o que geralmente consideram que não tem talento nenhum. Em alguns casos a segregação é tão grande que os líderes de equipe às vezes preferem jogar até com um jogador a menos do que com um “desengonçado” que pode prejudicar o time, e possivelmente levar a equipe à derrota.

É essencial que os professores tentem fugir desse padrão clássico de divisão e utilizem outros meios. Hoje em dia já existem outros critérios de divisão de times, seja por ordem de chamada, sorteio, cor da camisa, data de nascimento, entre outros. O professor deve tentar diversificar, sendo capaz de abordar a mesma situação de diferentes formas, seja criando ou fazendo novas combinações. Assim, o aluno que tem mais dificuldades em realizar essas práticas corporais não se sente tão exposto no momento da separação das equipes, percebendo que na verdade ele e seus colegas têm muito em comum, só depende do ponto de vista.

Dessa forma, o professor deve sair da sua zona de conforto e cessar de abordar apenas os conteúdos que são bem dominados por ele. Ele deve buscar se inteirar de outros temas e conteúdos da disciplina que não são tão comuns assim, que, talvez, se dá pela falta de conhecimento e vivência prática do professor com esses conteúdos durante sua formação acadêmica. Além disso, às vezes o professor sabe aplicar o conteúdo, mas a escola não oferece materiais adequados para a promoção da prática, e assim o professor desiste de abordá-los, e volta aos conteúdos mais comuns, por ser mais fácil.



Os professores não conseguirão ajudar seus alunos a lidar com seus fracassos se eles mesmos não sabem lidar com os seus próprios fracassos como profissional, seja por falta de conhecimento técnico sobre alguns assuntos, seja por falta de materiais e valorização da escola. Este trabalho não tem o objetivo de disponibilizar um passo a passo, pois não existe um caminho certo. Nossa finalidade é despertar inúmeros questionamentos e suscitar uma reflexão capaz de pensar em diferentes possibilidades na aplicação dos conteúdos da Educação Física, seja encorajando a capacidade do professor de buscar diferentes conteúdos, seja fortalecendo a ideia de aplicar os mesmos conteúdos de maneira diversificada e criativa. O fato de ter pouco material, por exemplo, não pode ser um motivo forte de desistência e, sim, um motivo de encorajamento para criar inúmeras adaptações, pois acreditamos que quanto mais criativo for o professor, mais criativos serão seus alunos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como explicitado anteriormente, a Educação Física enquanto disciplina escolar passou por mudanças. Sua estrutura, fechada nos esportes de rendimento, não dão conta do amplo campo de conhecimento da cultura corporal de movimento. O modelo fechado e inflexível de aulas tornou-se ao longo dos anos incabível a um espaço educacional como a escola.

Por isso ao analisar a criatividade como estratégia e intervenção para inclusão escolar na aplicação dos conteúdos da Educação Física, identificamos que a inclusão é processual e que criatividade é inerente ao ser; no entanto é necessário que ambas sejam fomentadas e alimentadas no ambiente das aulas. A falta de diversificação dos conteúdos é um fator inibidor da criatividade nas aulas de Educação Física e essa disciplina quando não rica na aplicação dos conteúdos pode se tornar um espaço de exclusão e segregação educacional.

O desafio em questão é apresentar aos estudantes uma nova maneira de se aprender a Educação Física, não abandonando as práticas já existentes, porém construindo novas formas de aplicar os conteúdos que há muito tempo são utilizados como fins neles mesmos. Não há um passo a passo ou um guia até a criatividade, por



isso não fechamos caminhos, pois a possibilidade de construir e de criar dá-se de acordo com a necessidade apresentada pela comunidade escolar.

No entanto, acreditamos que se torna necessário identificar primeiro se os professores, sendo estes os mediadores e alimentadores desse ambiente criativo nos momentos das aulas, compreendem bem o papel da criatividade no desenvolvimento do ser, porque se o entendimento sobre criatividade se limita a criar algo inédito, esse pensamento reduz a ampla capacidade humana de analisar, construir ou modificar o conteúdo já existente.

Diante das análises, compreendemos que a Educação Física é um oceano de possibilidades. O ato de brincar, correr, pular, experimentar o corpo de diversas formas através das lutas, ginásticas, jogos e outros conteúdos que compõem a disciplina Educação Física, é o que garante um ambiente favorável à criatividade na aplicação dos conteúdos. Sendo assim cabe ao profissional de educação saber mediar as práticas educacionais a fim de favorecer a aprendizagem na aplicação dos conteúdos desta disciplina e promover a inclusão escolar.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, E. M. L. S. **Criatividade no contexto educacional: três décadas de pesquisa.** In: Psicologia: Teoria e Pesquisa. Brasília: v.23, n. especial, 2007 – p.4549.

ALENCAR, E. M. L. S., FLEITH, D. S. (2002) **Contribuições teóricas recentes ao estudo da criatividade.** In: Psicologia: Teoria e Pesquisa. Brasília: UNB, v 19, n.01, 2003 – p.01 – p08.

BETTI, I.C.R. **Esporte na escola: mas é só isso, professor?** Motriz – Volume 1, Número 1, 25 -31, junho/1999

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <  
<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/educacao-fisica> >.  
Acesso em: 21 jan. 2019.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Imprensa Oficial, 1988. Disponível em: <  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm) > Acessado em 12 de dez. de 2018.



BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: educação física. Brasília: MEC, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Lei n.º11.645/2008** Brasília: MEC, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Lei n.º13.185**. Brasília: MEC, 2015.

DAOLIO, J. **Os significados do corpo na cultura e as implicações para a Educação Física**. Movimento, Ano 2. N°2 1995

FREIRE, Madalena. **Educador educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

GOTTI, M. Integração e Inclusão: nova perspectiva sobre a prática da Educação Especial. In: MARQUEZINE, M. *et al.* (Coord.): **Perspectivas multidisciplinares em Educação especial**. Londrina: UEL, 1998.

MARTINS. A. S. **Educação Física Escolar: Novas Tendências**. Revista Mineira de Educação Física, Viçosa, 2002

MATTOS, Sandra Maria Nascimento De. **A afetividade como fator de inclusão escolar**. Teias, Rio de Janeiro, n. 18, p. 50-59, jul./dez. 2008.

MOREIRA. A. F. B. CANDAU. V. M. **A Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos**. Revista Brasileira de Educação, 2003.

OSTROWER, F. **Criatividade e Processos de Criação**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.

VYGOTSKY, L. S. **Imaginação e Criatividade na Infância**. Ensaio da Psicologia. Tradução de João Pedro Fróis. 1ª. ed. Dinalivro. 2012.



Recebido em: 28/12/2021

Aceito em: 10/04/2022

Endereço para correspondência

Yan Inácio da Silva

[yan\\_inacio@yahoo.com.br](mailto:yan_inacio@yahoo.com.br)

Esta obra está licenciada sob uma Licença  
Creative Commons Attribution 3.0

